

UMA PROPOSTA MULTIDISCIPLINAR EM DIÁLOGO COM A BNCC: OS SABERES CIRCENSES E AS CIÊNCIAS DA NATUREZA.

A multidisciplinary proposal in dialogue with BNCC: the circus knowledge and Nature Science.

Isabel Almeida Telles Macariⁱ

Resumo: O presente artigo apresenta alguns aspectos críticos ao ensino tradicional e a escrita e homologação da nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular 2017), em contrapartida, propõe-se a atividade circense (ao estimular a criatividade, o autoconhecimento, o movimento, o trabalho em conjunto, etc.) em ambiente escolar como uma prática enriquecedora, tanto para alunos quanto docentes. Visto que a prática circense trabalhada de forma crítica e não tecnicista, possibilita um outro olhar sobre o ambiente escolar e do próprio praticante sobre ele mesmo. Este artigo traz uma proposta de ação multidisciplinar para o Ensino Médio na área de Ciências da Natureza, na qual a atividade circense é utilizada como ferramenta pedagógica. Apresentamos o projeto multidisciplinar a partir de planos de aula das disciplinas de Física, Química e Biologia. Como uma forma de auxiliar na instrumentalização de docentes das escolas básicas, alguns jogos citados nos planos de aula foram esquematizados e organizados em quadros. Apesar de nossas críticas, utilizamos as habilidades presentes na BNCC, uma vez que, atualmente, este é o documento que dita o currículo das escolas.

Palavras-chave: Circo; Educação Escolar; Currículo; Multidisciplinaridade.

Abstract: This article presents some critical aspects about the traditional way of teaching, as well as the writing and homologation of the new document BNCC (Base Nacional Comum Curricular 2017). In contrast, this article proposes the circus activity (by stimulating creativity, self-knowledge, movement, collaborative effort, etc.) at school as an enriching experience, for students as well as for teachers. If the circus activities are used in a critical and non-technical way, they allow the students to discover a different view upon the school's environment and a new perception of themselves. This article brings the proposition of a multidisciplinary action for High School students in Nature Science, in which the circus activities are the main tool of learning. The multidisciplinary project is presented through teaching plans for the following subjects: Physics, Chemistry and Biology. To help teachers, some games quoted in the teaching plans were schematized and organized in charts. Although we have our critics, we use the abilities presented at BNCC, as, nowadays, this is the document which defines the curriculum of schools.

Keywords: Circus; School Education; Curriculum; Multidisciplinary.

Introdução

As atividades circenses estão presentes em diversos ambientes como academias e clubes, nas praças, nos semáforos, nas universidades, em festas e feiras, porém, ainda de forma muito escassa nas escolas de ensino regular. O presente artigo nasce de uma inquietação diante desta realidade.

No contexto atual percebemos que as escolas de ensino tradicional estão muito preocupadas em formar alunos para adentrar no mercado de trabalho e/ou nas universidades, mas pouco se percebe nessas escolas uma formação humanizadora, que para além do ensino do conteúdo proporcione uma visão crítico-emancipatória da realidade, “a campainha toca, os alunos se sentam e passam a escrever um sem-número de palavras, cuja significação não compreendem bem. Cuja significação está distante de sua vida cotidiana” (DUARTE, 2012, p. 24).

Tendo em vista essa mecanização, propomos o trabalho com as atividades circenses, uma arte milenar, como ferramenta pedagógica para quebrar esses muros que a escola impõe sobre o corpo e o pensar. Utilizaremos, neste artigo, os termos atividades circenses e práticas circenses para denominarmos a cultura corporal que advém dessa linguagem, de forma mais específica estaremos nos referindo ao malabarismo, ao equilibrismo, e às acrobacias individuais e coletivas, visto que essas modalidades são de mais fácil implementação na escola. Apesar de as atividades circenses não serem comumente aplicadas nas escolas, estão previstas – ainda que de forma insuficiente – na Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira (LDB, 1996), na BNCC (2017), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), ainda nos currículos oficiais para a Educação Física das cidades de Bauru (2016) e São Paulo (2011), entre outros. Acreditamos que a escassez de propostas ou professores que trabalhem com a prática circense nas escolas se dê por diversos motivos, tais como: a falta de sistematização do ensino das atividades circenses; a ausência das práticas circenses no currículo dos cursos de formação inicial dos

docentes da área de Educação Física; a falta de estrutura física nas escolas, e entre outros.

Analisaremos brevemente a BNCC (2017), Base Nacional Comum Curricular, que é um “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de *aprendizagens essenciais*” (BRASIL, 2017, p. 7, grifo do autor), e atualmente é o documento sob o qual as escolas organizam seu currículo. Percebemos que a versão mais recente da BNCC tem como intuito dar uma roupagem nova à educação, trazendo temas contemporâneos e discutindo a interdisciplinaridade, assim como a transdisciplinaridade. Porém, é um documento que em sua escrita foi muito influenciado por forças políticas e que traz algumas incoerências. Ainda assim, trabalharemos com a BNCC por ser um documento obrigatório nas escolas, e pensando que, a partir dele, podemos trazer à tona práticas que enriqueçam a experiência dos discentes e docentes.

Espera-se contribuir, a partir da proposta e dos planos de aula, para que docentes utilizem as práticas circenses em âmbito escolar. O projeto multidisciplinar apresentado visa o ensino-aprendizagem de forma integradora, partindo de diferentes modalidades circenses para abordar conteúdos presentes na área de Ciências da Natureza no Ensino Médio. Espera-se potencializar, também, por meio do estímulo ao pensamento analítico-crítico, o reconhecimento do espaço em que se encontram e o autoconhecimento de seus saberes, identidades e culturas.

O ensino tradicional, o espaço escolar e o lugar do circo na escola

O método tradicional de ensino nasce de uma mudança social, na qual a burguesia se consolida como classe. Por ser um período de novas tecnologias e novas oportunidades, a escola torna-se “universal, gratuita e obrigatória, como um instrumento de consolidação da ordem democrática” (SAVIANI, 2000, p. 54). Após a Revolução Industrial a escola se originou com o papel de difundir e transmitir os conhecimentos acumulados e sistematizados pela humanidade, pois acreditava-se que os indivíduos eram livres e esclarecidos por terem passado por ela, e os que não, eram marginalizados. Tinha-se a crença de que a escola era a responsável por equalizar a sociedade, no entanto, houve uma crescente decepção com a instituição,

por não ser acessível a todos, sendo que os que eram alunos nem sempre eram bem-sucedidos. Desde então, começa-se a pensar em outros métodos de ensino, pensava-se que se a escola não cumpria a função de (des)marginalizar é porque o tipo de ensino não era adequado. Para a classe dominante, a falta de domínio cultural das classes populares – por consequência da padronização da educação – era favorável à manutenção da ordem social vigente.

Diante destas reflexões, como podemos pensar que as escolas de ensino tradicional se encarregam de formar agentes críticos, participativos da sociedade, quando na realidade concreta, nesses espaços, a educação é pensada e padronizada em conceitos e não leva em conta o contexto social do aluno? José Pacheco afirma

E tomamos consciência de que não passa de um grave equívoco a ideia de que se poderá construir uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos enquanto a escolaridade for concebida como um mero adestramento cognitivo (PACHECO, 2004, p. 65).

A educação escolar tem um papel importante na mediação entre os conceitos cotidianos (que aprendemos no dia a dia) e os conceitos científicos (que acontece por meio do ensino-aprendizagem), “acrescenta [Vygotski] que somente pelo pensamento por conceitos é que a ciência, a arte e demais produções sociais poderão ser apropriadas de forma aprofundada” (ANJOS, 2013, p. 18). Tudo o que não pensamos ser necessário ou importante à nossa essência é descartado, esquecido, por isso é necessária uma educação que aproxime os conceitos científicos da realidade vivida do aluno. É por meio desse pensamento por conceitos que a personalidade e a concepção do mundo se desenvolvem no educando. Não podemos pensar que há um abismo entre a cultura popular e o conhecimento científico, nem mesmo pode-se negar um em detrimento do outro, é preciso trabalhar de uma forma dialética, na qual haja uma continuidade entre os conhecimentos.

Ambientes escolares em que haja espaço para troca, empatia, comunicação, são ambientes que favorecem a aprendizagem em aspectos afetivos e cognitivos, “é neles que as crianças, de fato, sentem-se muito mais seguras, disponíveis e motivadas para aprender e, [...] para aprender umas com as outras e não apenas com

os adultos...” (ALVES, 2004, p. 10). Desejamos propiciar um ambiente escolar que vá ao encontro com os aspectos mencionados acima, para tanto, nossa proposta é estruturada a partir da criação de um espaço onde haja liberdade (de expressão do corpo e de opinião), de sociabilidade, de autonomia, de uma visão crítica- espaço este tão necessário nas escolas atualmente-, e tangível através das atividades circenses e suas múltiplas linguagens e possibilidades. Eisner afirma que a prática circense, “propicia a auto expressão criadora, a solução criadora de problemas, a cultura visual, a disciplina, a preparação para o trabalho, o desenvolvimento cognitivo, além de potencializar a *performance* acadêmica” (EISNER, 2002 *apud* MACEDO, 2008, p. 120).

Há aproximadamente 50 anos teve-se um novo olhar para as atividades circenses, porém a inserção do circo na escola é um movimento recente, pelo menos no Brasil. A implantação das atividades circenses nas escolas vem acontecendo em diversos países, como afirma Melo (2020)

Esse movimento educativo tem sido observado no Brasil e em muitos outros países, como na Alemanha (BUSSE, 1991), Canadá (KIEZ, 2015), Chile (RETAMAL et al, 2012), China (LI, 2010), Dinamarca (KRABBE, s/d), Espanha (AGUADO; FERNANDES, 1992; BROZAS, 1999; INVERNÓ, 2003; ONTAÑÓN; BORTOLETO, 2014), França (AUBERTIN; FUNK, 2018; FOUCHET, 2006; HOTIER, 2003), Finlândia (NEVANEN; JUVONEN; RUISMÄKI, 2014), Nova Zelândia (PRICE, 2012) e Uruguai (ALONSO; BARLOCCO, 2013). Particularmente, destacamos o Uruguai e a França, países nos quais as atividades circenses são “conteúdo” obrigatório na educação básica desde 2008 (ALONSO, 2015; COASNE, 2013). (MELO, 2020, p. 26)

Acreditamos que um dos maiores motivos das atividades circenses não estarem tão presentes no ambiente escolar é pela escassez dessa prática na formação inicial dos professores, e que para além da questão de se ter ou não as atividades circenses na formação inicial, o professor – visando a segurança dos praticantes – pode esbarrar na dificuldade do espaço e da estrutura adequada. Ontañon (2012, p. 26) afirma ser contraditório pensar que o circo apesar de tão presente no dia a dia infantil, por meio de livros, desenhos, filmes, programas de

televisão, etc, não se encontra (ou se encontra pouco) no espaço escolar. A autora também pontua que a arte circense ainda enfrenta diversos preconceitos, e que o circo raramente é lembrado quando se fala em arte, inclusive pelas faculdades.

Atualmente, podemos ver aproximações de campos distintos, como História (Silvia, 1996), Artes Cênicas, Pedagogia (Sánchez *et al*, 2018), Arquitetura, Matemática (Garcia *et al*, 2016), Sociologia, Geografia (Ávila, 2008), Educação Física (Tucunduva, 2019), entre outros. Traremos neste artigo aproximações entre a atividade circense e os conteúdos da área de Ciências da Natureza (Física, Biologia e Química).

A prática circense é vista como uma arte, que envolve o uso de um corpo acrobático, flexível, ágil e forte. Para além da capacidade motora, a atividade circense pode propiciar um corpo brincante, uma mente criativa, uma relação maior com o espaço, uma maior sociabilização, assim como o bem-estar. Sobre essa questão, Invernó (2003) afirma que a prática circense reúne uma série de características, o que justificaria sua presença no currículo escolar, visto que essa prática tem o potencial de desenvolver e proporcionar “uma melhora em diferentes aspectos pessoais, como a sensibilidade, a expressão corporal, o trabalho em cooperação, o desenvolvimento da criatividade e a melhora da auto superação e da constância em diferentes tarefas, o conhecimento acerca do próprio corpo, a melhora da autoestima..”

Portanto, a atividade circense não é realizada somente a partir da técnica corporal, a prática está relacionada a uma educação integral, já que as diferentes situações colocadas pela atividade propiciam um desenvolvimento pessoal nos âmbitos afetivo, social, motor e cognitivo. Inclusive, a prática por si só não possui esse caráter emancipatório e crítico, essas características advêm da pedagogia utilizada, pode-se muito bem ter aulas de circo tecnicistas, voltadas para um ensino tradicional.

No que diz respeito a levar as práticas circenses para o espaço da escola, o pesquisador francês Hotier (2003, 2001) possui uma vasta e aprofundada pesquisa que trata do poder educacional das técnicas circenses, evidenciando como a prática das atividades circenses pode influenciar no desenvolvimento de uma criança nos

campos físico, psicológico e social. “Segundo o autor [Hotier (2003)] através da prática circense, as crianças egocêntricas, tímidas, apavoradas, inibidas, podem desbloquear a psique em conjunto com suas evoluções motoras” (MACEDO, 2008, p. 127). Macedo (2008) ainda cita alguns exemplos pontuais que o autor coloca, como o da acrobacia aérea, a qual “permite reforçar e condicionar a musculatura corpórea, o equilíbrio e a flexibilidade. Entre as habilidades motoras, é necessário desenvolver movimentos ondulatórios e dar noção de espaço e tempo” (MACEDO, 2008, p. 127). Já no que tange os aspectos psicossociais, “desenvolve a capacidade do indivíduo de ter autonomia nas decisões, atenção, percepção e capacidade de lidar com o risco.” (idem, 2008, p. 127). Sobre outras técnicas, Macedo (2008) cita Hotier quando disserta sobre o equilibrismo, “que, envolvendo funambulismo, equilíbrio de objeto, antipodismo, etc., colabora para trabalhar a respiração, a concentração e a consciência interior.” (idem, 2008, p. 127). Sobre o malabarismo e a manipulação de objetos: “desenvolvem capacidades ligadas com a visão periférica e a lateralidade, Sandoval (2019) afirma que “segundo estudos científicos, a prática profissional de malabarismo produz mudanças matéria cinza – onde acontece o processamento do pensamento – e na matéria branca do cérebro”. O palhaço envolve uma pesquisa interior e o saber aceitar o ridículo, etc.” (MACEDO, 2008, p. 128).

A linguagem do circo é complexa e constituída de multiplicidades, que facilitam a criação e o desenvolvimento de trabalhos inter, multi e transdisciplinares. Estudos feitos ao redor do mundo apontam para o potencial transformador das atividades circenses em âmbito escolar, um estudo qualitativo e quantitativo realizado por Kiez (2015)¹ revela dados interessantes. Podemos perceber que as atividades circenses trabalham diversas capacidades e habilidades, que são utilizadas em diversos momentos, inclusive na sala de aula da escola, na qual se requer atenção, autonomia e raciocínio.

Em síntese, nos apoiamos em duas grandes justificativas quando defendemos a inserção das atividades circenses em ambientes

¹ KIEZ, T. K. M. *The impact of circus arts instruction on the physical literacy of children in grades 4 and 5*. 2015. 85 f. (Master on Science) – Faculty of Health Sciences, Universidade de Manitoba, Winnipeg, 2015.

educativos: a primeira diz respeito à arte do circo, enquanto parte de nossa história e nossa cultura; e também no potencial lúdico, estético, motor e educativo que essas atividades possuem e que podem contribuir na formação de nossos alunos. (PRODÓCIMO; BORTOLETO; PINHEIRO, 2011, p. 14)

Apesar de as atividades circenses não estarem na escola, de forma majoritária, a atividade vem sendo reconhecida e, aos poucos, incluída em documentos educacionais, como a BNCC. Discutiremos, de forma breve, o que é a BNCC e como a atividade circense é abordada no documento.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é um “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de *aprendizagens essenciais*” (BRASIL, 2017, p. 7, grifo do autor). A BNCC engloba, em sua última versão, todas as etapas do ensino de educação básica, e segue os preceitos do Plano Nacional de Educação (PNE), além dos princípios éticos, políticos e estéticos fundamentados nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica (DCN), que são: a formação humana integral e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

O foco da nossa proposta são conteúdos de Ensino Médio, portanto abordaremos de forma mais específica esse ciclo escolar. A BNCC do Ensino Médio traz ideias interessantes a serem pensadas e utilizadas, porém na prática sabemos das muitas dificuldades encontradas, que decorrem da estrutura das escolas e da defasagem na formação dos professores.

Fernando Cássio (2019) diz que a “base é antes de tudo, uma política de centralização curricular” (CÁSSIO, 2019, p.13), o autor esclarece que este termo é utilizado para toda e qualquer política de homogeneização de currículos, que subsidie outras políticas como a de materiais didáticos, de avaliação, formação docente, etc. Esta centralização curricular é alvo de muitas críticas por parte dos educadores, no sentido de que no Brasil existe uma diversidade cultural muito

grande para se fixar conteúdos iguais de norte a sul. Um dos slogans da BNCC à época da implementação era “Se a base é a mesma, as oportunidades também serão”².

O discurso da BNCC de gerar igualdade educacional a nível nacional é um discurso incrível, porém sabemos que a prática encontra diversas limitações, físicas e pedagógicas, isso pensando nas escolas públicas da rede estadual e municipal. Acreditamos que a concepção equivocada da BNCC nesta questão é assumir que crianças e adolescentes, da mesma idade, devam aprender as ditas habilidades da mesma maneira e ao mesmo tempo, evidenciando um retorno ao ensino tradicional, onde não se leva em consideração as particularidades do aluno, assim como a realidade de nossas escolas. Cássio diz que “ defender a Base como realizadora de direitos ou de igualdade educacional, é o mesmo que defender que a Constituição Federal realiza o direito à educação pelo simples fato de inscrevê-lo no texto constitucional. ” (CÁSSIO, 2019, p. 34).

Cássio (2019), reúne diversas críticas e problemáticas acerca da elaboração da BNCC como a não participação dos profissionais atuantes e dos alunos na elaboração do documento, bem como a forma de organização do currículo que recai na pedagogia tradicional, além da influência política e econômica muito grande em sua escrita e aprovação. Apesar das críticas e ressalvas tomamos a decisão de manter a nossa proposta embasada na BNCC, visto que este é o documento que atualmente dita os componentes curriculares das escolas brasileiras, buscando, dessa forma, apresentar outras maneiras de se trabalhar com o documento. Para além de sua estrutura de currículo e vertente tradicional, na qual o conhecimento é único e inquestionável e apresenta um desinteresse pelas questões político-sociais, pretendemos trazer um olhar da vertente progressivista- ainda que trabalhando um currículo tradicional- cujo o centro da aprendizagem são os alunos, considerando suas experiências prévias e conhecimentos.

A BNCC e o não lugar do circo

² Disponível em www.facebook.com/ministeriodaeducacao/videos/1691153960932411 Acesso em 05 de jan. de 2021

Ainda sobre a BNCC, acreditamos ser importante analisar e expor como o documento trata a atividade circense. Apesar do foco ser a BNCC do Ensino Médio, consideramos relevante trazer as menções à atividade circense³ no documento inteiro. Procuramos no documento a palavra ‘circo’ que gerou zero resultados, assim como ‘atividade circense’ e ‘prática circense’, em contraposição a ‘artes circenses’ que resultou em duas citações da BNCC (uma no Ensino Fundamental e outra no Ensino Médio). Realizamos a procura também com palavras referentes a modalidades da prática circense, como ‘trapézio’, ‘malabares’, ‘acrobacia coletiva’, que são citados no mesmo parágrafo acerca do Ensino Fundamental.

É importante destacar que a BNCC do Ensino Fundamental cita a prática circense na parte de Linguagens, na disciplina de Educação Física

Na *unidade temática Ginásticas*, são propostas práticas com formas de organização e significados muito diferentes, o que leva à necessidade de explicitar a classificação adotada: (a) ginástica geral; (b) ginásticas de condicionamento físico; e (c) ginásticas de conscientização corporal. A ginástica geral, também conhecida como ginástica para todos, reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade. Podem ser constituídas de exercícios no solo, no ar (saltos), em aparelhos (*trapézio*, corda, fita elástica), de maneira individual ou coletiva, e combinam um conjunto bem variado de piruetas, rolamentos, paradas de mão, pontes, *pirâmides humanas* etc. Integram também essa prática os denominados *jogos de malabar ou malabarismo*. (idem, p. 217)

Percebemos aqui uma generalização (dentre as várias encontradas no documento), na qual a prática circense é citada na unidade temática de Ginásticas, apagando novamente a linguagem circense. Sendo curiosa a menção ao trapézio, um aparelho da modalidade aérea, que necessita de instalações adequadas, além de

³ Neste artigo, quando nos referirmos as modalidades circenses tomaremos como base a tabela feita por Duprat (2007) em sua dissertação *Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a Educação Física escolar*. Em nossa proposta utilizaremos apenas alguns dos blocos temáticos apresentados por Duprat (2007), por questões de segurança e de estrutura.

alguns dispositivos para garantir a segurança do praticante. Estrutura e materiais de segurança inexistentes na maioria das escolas brasileiras.

No que diz respeito a menção a atividade circense na BNCC do Ensino Médio, essa menção ocorre somente uma vez na disciplina de Arte

A proposta de progressão das aprendizagens no Ensino Médio prevê o aprofundamento na pesquisa e no desenvolvimento de processos de criação autorais nas linguagens das artes visuais, do audiovisual, da dança, do teatro, das *artes circenses* e da música. Além de propor que os estudantes explorem, de maneira específica, cada uma dessas linguagens, as competências e habilidades definidas preveem a exploração das possíveis conexões e intersecções entre essas linguagens, de modo a considerar as novas tecnologias, como internet e multimídia, e seus espaços de compartilhamento e convívio. (BRASIL, 2017, p. 482, grifo nosso)

Um trecho que chamou nossa atenção foi o “aprofundamento na pesquisa e no desenvolvimento” de diversas linguagens, assim como a circense. Em análise feita anteriormente percebemos que na verdade a atividade circense não é proposta efetivamente, então como aprofundaríamos a pesquisa e desenvolvimento de uma prática que não foi colocada como habilidade e possivelmente nunca trabalhada pelo docente e aluno? No que se refere as competências específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias, a atividade circense é inexistente, há alguns momentos em que a atividade poderia estar presente como habilidade, mas o que percebemos é a falta dela em diversas competências, por exemplo nas Competências Específicas 5 e 6 da mesma linguagem.

Ou seja, no Ensino Médio a atividade circense está prevista na disciplina de Arte, sendo referida como “artes circenses”, com um caráter generalizante e que desvaloriza a cultura circense. Faz parte de “outras linguagens” ou da “intersecção entre elas (linguagens descritas)”. Ainda que as atividades circenses apareçam de forma escassa ou generalizante na BNCC, Melo (2020), afirma:

O que importa é que diversos documentos oficiais, federais, estaduais ou municipais, também reconhecem as atividades circenses. Dentre eles, destacamos: propostas curriculares do estado do Paraná (2008) e do Rio Grande do Sul (2009); Programa

Segundo Tempo do Governo Federal (DUPRAT; ONTAÑÓN; BORTOLETO, 2014); os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997); e o currículo oficial para a Educação Física das cidades de Bauru (2016) e São Paulo (2011), entre outras. (MELO, 2020, p. 27)

Proposta multidisciplinar: Ciências da Natureza e atividade circense

Este artigo visa propor uma prática multidisciplinar que utiliza a atividade circense e os questionamentos acerca do seu universo como ferramenta pedagógica. Neste sentido, propomos um projeto multidisciplinar composto por planos de aula, no qual as atividades circenses são a ferramenta pedagógica que perpassa as disciplinas, visto que

[a atividade circense] é sim uma proposta político-pedagógica que aposta no desenvolvimento criativo e na construção da cidadania a partir dos saberes, necessidades e potencialidades das crianças, adolescentes e jovens das classes populares. Educar com o circo é apostar na alegria e recuperar todo o potencial civilizatório de uma arte milenar, que desde as suas origens teve por base a diversidade, a aceitação do outro, o sentimento do fantástico e do mágico, a superação dos limites, a convivência e a criação coletiva e, acima de tudo, a brincadeira e o jogo levados a sério (CIRCO DO MUNDO BRASIL – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA EM REDE/2002)

Sabemos que um projeto multidisciplinar tem limites por ser uma ação que necessita do envolvimento de outros docentes, apoio da gestão e engajamento dos alunos. Acreditamos ser papel da escola engajar os adolescentes na proposta, uma vez que eles serão os grandes agentes de aprendizagem e de ação. Os docentes e adolescentes estão acostumados com a escola tradicional e podem ter dificuldades em compreender e colocar em prática um projeto multidisciplinar.

A tabela a seguir foi construída com base na tabela do documento *Guia Prático de Temas Contemporâneos: proposta de práticas de implementação* (2019, p. 22-3) e contém informações do que é sugerido se trabalhar em cada disciplina, assim como as habilidades da BNCC relacionadas aos temas propostos. A coluna 'Componente' trará a disciplina a ser trabalhada, na segunda coluna 'Prática' são apresentados os objetivos da disciplina e de acordo com eles a(s) prática(s)

circense(s) sugerida(s), seguida de uma lista de jogos circenses, que podem ser utilizados como ferramenta pedagógica. A terceira coluna organiza as habilidades da BNCC a serem trabalhadas nos planos de aula sugeridos.

Química	Compreender e aplicar a relação entre os conceitos referentes ao processo de transformação de petróleo ao uso e produção de objetos de manipulação circenses não biodegradáveis; - Prática de: malabarismo, equilíbrio. - Jogos indicados: 6, 15, 7, <i>Apêndice 3</i>: 7 e 8 - Produzir objetos de manipulação circense com materiais biodegradáveis para serem usados nas práticas no espetáculo.	(EM13CNT307) Analisar as propriedades dos materiais para avaliar a adequação de seu uso em diferentes aplicações (industriais, cotidianas, arquitetônicas ou tecnológicas) e/ou propor soluções seguras e sustentáveis considerando seu contexto local e cotidiano. (EM13CNT306) Avaliar os riscos envolvidos em atividades cotidianas, aplicando conhecimentos das Ciências da Natureza, para justificar o uso de equipamentos e recursos, bem como comportamentos de segurança, visando à integridade física, individual e coletiva, e socioambiental, podendo fazer uso de dispositivos e aplicativos digitais que viabilizem a estruturação de simulações de tais riscos. (EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica. (EM13CNT105) Analisar os ciclos biogeoquímicos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos, para promover ações individuais e/ou coletivas que minimizem consequências nocivas à vida.
Física	Compreender a relação entre o malabarismo circense e a Cinemática e Dinâmica; Aplicar os conhecimentos de Lançamento Oblíquo e Leis de Newton ao malabarismo circense; - Prática de: malabarismo, equilíbrio. - Jogos indicados: 6, 13, <i>Apêndice 3</i>: 10 - Elaborar materiais de manipulação circense, para uso no espetáculo, aplicando as Leis de Newton em sua construção.	(EM13CNT101) Analisar e representar, com ou sem o uso de dispositivos e de aplicativos digitais específicos, as transformações e conservação em sistemas que envolvam quantidade de matéria, de energia e de movimento para realizar previsões sobre seus comportamentos em situações cotidianas e em processos produtivos que priorizem o desenvolvimento sustentável, o uso consciente dos recursos naturais e a preservação da vida em todas as suas formas. (EM13CNT106) Avaliar, com ou sem o uso de dispositivos e aplicativos digitais, tecnologias e possíveis soluções para as demandas que envolvem a geração, o transporte, a distribuição e o consumo de energia elétrica, considerando a disponibilidade de recursos, a eficiência energética, a relação custo/benefício, as características geográficas e ambientais, a produção de resíduos e os impactos socioambientais e culturais. (EM13CNT306) Avaliar os riscos envolvidos em atividades cotidianas, aplicando conhecimentos das Ciências da Natureza, para justificar o uso de equipamentos e recursos, bem como comportamentos de segurança, visando à integridade física, individual e coletiva, e socioambiental, podendo fazer uso de dispositivos e aplicativos digitais que viabilizem a estruturação de simulações de tais riscos.
Biologia	Compreender a relação entre a história do universo circense e o capacitismo e ética na ciência; Refletir e discutir como aspectos físicos-biológicos foram e são usados como forma de discriminação, de capacitismo, e de segregação; - Prática de: malabarismo, palhaçaria, acrobacias. - Jogos indicados: 13, 7, 9, 2 - Elaborar uma mini cena, para integrar o espetáculo final, problematizando o capacitismo.	(EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica. (EM13CNT305) Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade.

Figura 1: Tabela da proposta para a área de Ciências da Natureza

A seguir apresentaremos os planos de aula, que foram resultado das discussões realizadas pela pesquisadora em sua investigação de mestrado⁴ com docentes especialistas de cada área, através de entrevista semi-estruturada feita por vídeo chamada. A ideia de apresentar planos de aulas individuais é para que no trabalho multidisciplinar fique claro alguns objetivos específicos, uma proposta por ser multidisciplinar não precisa excluir o conhecimento disciplinar, já que uma complementa a outra.

Os assuntos propostos a serem trabalhadas são sugestões, podendo o docente adaptar à sua realidade e necessidade. No plano de aula não definimos o número de aulas a serem utilizadas por acreditarmos que a quantidade de aulas para aplicar e desenvolver o que está proposto no plano pode ser flexível. Podemos

⁴ A transdisciplinaridade dos saberes circenses no Ensino Médio: um diálogo com a BNCC.

pensar que este plano de aula possa ser utilizado em um projeto bimestral ou trimestral, assim como semestral ou anual. Estes fatores dependerão da escola e dos docentes envolvidos na aplicação. Os planos de aula que seguem foram pensados para um trabalho multidisciplinar, como organizado na tabela acima, porém nada impede que um docente que encontre limitações para aplicar um projeto multidisciplinar os utilize em um projeto interdisciplinar ou em sua disciplina de forma isolada. Claro que adaptações teriam que ser feitas e alguns elementos se perderiam neste processo, assim como outros podem ser criados. A atividade circense está presente em todos os planos de aula, em diversas modalidades, dentre as quais pensamos ser as mais viáveis de serem trabalhadas em ambiente escolar

Para Invernó (2003) e Duprat (2004), o trabalho com as diferentes modalidades circenses proporciona a melhora dos alunos no que diz respeito às habilidades coordenativas, ao conhecimento e ao controle corporal, mas, sobretudo, à capacidade comunicativa e expressiva. A atividade circense põe em destaque a criatividade, a cooperação, a interculturalidade e a expressão corporal, assim como a habilidade e as capacidades físicas do praticante. (DUPRAT; BORTOLETO, 2007 apud DUPRAT, 2016, p. 71)

Os roteiros para cada disciplina foram produzidos a partir de conteúdos e habilidades do Ensino Médio presentes na BNCC. Contendo as Competências Específicas, os temas, as habilidades da BNCC, os objetivos, o desenvolvimento da aula (dividido em três partes: Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos; Contextualização e Problemática), assim como os recursos didáticos pedagógicos e as referências bibliográficas.

A química do plástico

No plano de aula de Química mobilizaremos as Competências específicas 1 e 3 da BNCC, na Área de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias, assim como as habilidades EM13CNT301, EM13CNT306, EM13CNT307 e EM13CNT105, através dos temas de Processos de transformação do petróleo; Ciclos biogeoquímicos; poluição do solo, água e ar e Interferência humana nos ciclos biogeoquímicos. Os objetivos para este roteiro são: compreender a relação entre os conceitos referentes

ao processo de transformação de petróleo e o uso de objetos de manipulação circenses não biodegradáveis; Aplicar os conceitos dos ciclos biogeoquímicos à produção dos objetos e materiais circenses; Discutir o uso de derivados do petróleo para produção dos malabares em grande escala; Elaborar ao final das discussões e experimentações diferentes objetos de manipulação feitos a partir de diversos materiais biodegradáveis.

Para o desenvolvimento das aulas sugerimos que seja feito um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, para o efetivo entendimento do conteúdo, de forma a aguçar a curiosidade e introduzir os temas a serem trabalhados. Questionar também se os alunos sabem a origem do plástico e quanto tempo ele leva para se decompor na natureza. Em um segundo momento de contextualização a ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Química e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Proporcionar aos alunos um momento de construção de malabares com materiais recicláveis, e em seguida uma prática livre para que eles possam experimentar a movimentação, o peso e o voo destes objetos. Discutir com os alunos o consumo em massa de produtos feitos de plástico⁵ e como esse consumo afeta o meio ambiente, trazendo o assunto para uma reflexão pessoal do cotidiano deles⁶.

Levando em conta a discussão feita na contextualização, analisar com os alunos a origem do plástico e o seu processo até se formar o produto que consumimos, desde a extração do petróleo, a refinaria, os processos industriais para transformação em polímero para enfim chegar aos diferentes tipos de plástico. Indagar, em conjunto, como esse processo interfere no ciclo biogeoquímico, sugere-se aqui que o docente leve os alunos ao laboratório de informática para que estes busquem artigos sobre o assunto, para em seguida gerar um debate com a sala. Em conjunto, propor soluções e ações do cotidiano para a diminuição do impacto da produção de plástico no meio ambiente e do descarte inadequado. Apresentar aos

⁵ Onde seu plástico reciclado acaba. Canal Youtube: The Story of Stuff Project, 2019. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=urFZ5o0az_4&ab_channel=TheStoryofStuffProject

⁶ Lorax: em busca da trufula perdida. Diretor Chris Renaude. Estados Unidos: Studio Universal, 2012.

alunos uma nova teoria sobre uma nova era geológica (Antropoceno) que estamos vivendo, marcada pelo consumo de plástico, e como este tem alterado o solo e a natureza, esta apresentação pode ser feita através de filmes ou artigos que tratam do assunto. Depois de analisar, discutir e encontrar soluções para estes problemas, pensar em como os alunos construíram objetos de manipulação circense através de materiais recicláveis, e propor a eles que pensem em outros materiais biodegradáveis que possam ser utilizados para construir estes e outros objetos de manipulação, inclusive instigando que os alunos procurem inspiração na natureza, por exemplo, utilizar galhos para fazer um *devil stick* ou folhas de árvores como objeto de manipulação, etc. Elaborar ao final das discussões uma mini cena, para integrar o espetáculo final, na qual os alunos podem trazer as problemáticas tratadas sobre o plástico, utilizando os objetos de manipulação feitos por eles.

Biologia e o corpo humano

No plano de aula de Biologia mobilizaremos a Competência específica 3 da BNCC, na Área de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias, assim como as habilidades EM13CNT301 e EM13CNT305, através dos temas de uso inapropriado da ciência e capacitismo. Os objetivos para o plano de aula são: Compreender a relação entre a história do universo circense e o capacitismo e ética na ciência; Refletir sobre os conceitos de capacitismo e ética da ciência ao universo da atividade circense; Discutir como aspectos físicos-biológicos foram e são usados como forma de discriminação, de capacitismo, e de segregação; Elaborar ao final do levantamento e discussões uma mini cena problematizando as questões abordadas, através da palhaçaria e/ou utilizando-se de alguma modalidade circense.

Para o desenvolvimento das aulas sugerimos que seja feito um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, para o efetivo entendimento do conteúdo, de forma a aguçar a curiosidade e introduzir os temas a serem trabalhados. Após esse primeiro momento é necessária uma contextualização dos temas a serem abordados no conteúdo de biologia e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Conceituar as temáticas através do circo antigo de lona, em que se tinha o “show de horrores” (*Freak Show* em inglês), ato em que pessoas com deficiência

eram expostas e tinham seus corpos explorados e objetificados como entretenimento, como motivo de riso e humilhação. Em um terceiro momento problematizar e explorar com os alunos, através de produções audiovisuais, como que essas relações de exploração se davam, uma indicação de filme é *Freaks* (Monstros)⁷, de 1932 e mais recente a série *American Horror Story: Freak Show* de 2015⁸. Ambas as produções adotam personagens reais como a das gêmeas Pip e Flip, que tinham microcefalia. Há rumores de que o personagem de desenho animado *Shrek* teria sido inspirado no russo Maurice Tillet que tinha a síndrome de acromegalia. Outra história que foi abordada em filmes (*Black Venus* de 2011)⁹ é a de Sarah Baartman, uma mulher negra escravizada que foi exibida (às vezes em jaula) em circos e feiras, Sarah tinha uma condição genética denominada esteatopigia, ela foi submetida a estudos por médicos e cientistas.

Com os alunos familiarizados com os conceitos e como essas relações de discriminação, capacitismo e segregação aconteciam na prática do circo antigo de lona, discutir como que hoje a sociedade lida com pessoas com deficiência, e problematizar essas situações. A partir das discussões realizadas, elaborar, em grupos uma mini cena circense que aborde essa temática e toda a discussão levantada pelos alunos e professores. A mini cena pode ser realizada de forma a conter uma habilidade da atividade circense, seja da palhaçaria, malabarismo, etc. Por fim, apresentar aos colegas a mini cena produzida, utilizando-se dos conceitos aprendidos e do universo circense. A ideia deste trabalho multidisciplinar é que ao final os alunos possam montar um espetáculo incluindo as descobertas feitas em cada disciplina para apresentar ao público.

Física e os lançamentos de malabares

⁷ FREAKS. Direção: Tod Browning. Estados Unidos: 1932.

⁸ AMERICAN HORROR STORY: Freakshow. Estados Unidos: distribuidora FX, 13 episódios, 2014-2015

⁹ PARKINSON, J. Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo. BBC, 2016. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab
BLACK VENUS. Direção: Abdellatif Kechiche. França: distribuidora IMOVISION, 2010.

No plano de aula de Física mobilizaremos as Competências específicas 1 e 3 da BNCC, na Área de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias, assim como as habilidades EM13CNT101, EM13CNT106 e EM13CNT306, através dos temas de Conservação da energia (trabalho mecânico; potência; energia cinética; energia potencial gravitacional; conservação da energia mecânica; forças conservativas; energia potencial elástica); Lançamento oblíquo; Força (Peso; Normal) e Grandezas escalares e vetoriais. Os objetivos para o plano de aula são: Compreender a relação entre o malabarismo circense e a Cinemática e Dinâmica; Aplicar os conhecimentos de Lançamento Oblíquo e Leis de Newton ao malabarismo circense e Elaborar materiais de manipulação circense, aplicando as Leis de Newton em sua construção.

Para o desenvolvimento das aulas sugerimos que seja feito um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, para o efetivo entendimento do conteúdo, de forma a aguçar a curiosidade e introduzir os temas a serem trabalhados. Para introduzir ao aluno as técnicas de manipulação sugerimos o uso do tule¹⁰, por ser leve, o tule sofre mais resistência do ar, “consequentemente, conferem ao lenço um tempo de queda maior depois de lançado, ou seja, ele permanece por um período mais longo no ar antes de atingir o chão, se comparado com aparelhos como: bola, clave ou aro de malabares. ” (LOPES; PARMA, 2016, p. 32). Após os alunos confeccionarem os tules (60x60 cm e com a decorações que quiserem), e se familiarizarem com os lançamentos pode ser apresentado a eles os malabares com bolinhas, que também podem ser confeccionadas, com diferentes tamanhos e pesos. Em um segundo momento a ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Física e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Partindo de uma prática em que se utilize os objetos de manipulação, para em seguida transmitir os conceitos dos temas a serem abordados. É interessante propor aos alunos uma prática livre, estimulando a criatividade e familiaridade com o(s) objeto(s) escolhidos, aguçando a criatividade também através da observação, por exemplo, ao assistir a um número de manipulação feito

¹⁰ Circus Unicamp. Jogos de Malabares - Lenço. Youtube, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Z5xWeVNWkQA&ab_channel=CircusUnicamp

com sacolas plásticas de Misha Usov¹¹, ou o vídeo de Jay Gilligan¹², em que ele explica a evolução do malabarismo e demonstra a manipulação com diferentes objetos, inclusiveovelos de lã, e também o vídeo do canal “Funicular Juggling”¹³ no youtube em que eles apresentam os objetos de manipulação mais estranhos e diferentes que o artista Zak MacAllister desenvolve e utiliza em suas apresentações.

Em um terceiro momento de problematização e com os alunos familiarizados com os conceitos e com os objetos de manipulação circense, questionar sobre como os temas levantados podem ser utilizados na experiência que tiveram, de forma a melhorar o empenho dos alunos na manipulação e nos lançamentos destes objetos. Propor aos alunos que utilizem da linguagem específica da Física para descreverem a prática, como ao invés de “lançar a bola para cima”, usarem “aplicar uma força em um ângulo de cerca de 60º”, “absorver a energia cinética”, entre outros. Refletir em conjunto sobre como os conceitos da disciplina se aplicam nos diferentes objetos utilizados, por que o tule demora mais a cair do que uma bolinha, por que a bolinha maior e mais pesada cai mais rápido que a bolinha menor e mais leve. A partir das observações, experimentações e reflexões, elaborar algum objeto de manipulação diferente dos tradicionais, levando em consideração os conteúdos e conceitos abordados, a segurança do praticante e a viabilidade de produzir aquele objeto. Por fim, apresentar aos colegas o objeto produzido, utilizando-se dos conceitos aprendidos e da prática corporal do universo circense, além de incorporar a manipulação destes objetos no espetáculo final.

O circo, a escola e os jogos

O jogo ou a brincadeira são muitas vezes renegados nas escolas, que ignora seu potencial de socialização, de desenvolvimento cognitivo e motor, de estímulo à

¹¹ USOV, M. Juggler with plastic bags. Youtube, 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=p2fJeVkUC_Y&ab_channel=MishaUsov.

¹² TEDxTalks. The evolution of juggling, de Jay Gilligan no TEDxHelsinki. Youtube, 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YB_sfnwbgvk&ab_channel=TEDxTalks.

¹³ Funicular Juggling. Zac MacAllister’s weird props. Youtube, 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Cq_xtkWxnO4&ab_channel=FunicularJuggling

criatividade. Quando bem planejado e com objetivos claros, o jogo ou a brincadeira, proporcionam uma volta ao lúdico, além de ser um facilitador na aprendizagem.

[o jogo] tem como uma das características a evasão da vida real (HUIZINGA, 2004), o que permite ao jogador abstrair-se das atividades diárias (trabalhos, estudos, etc.), muitas vezes estressantes, para recompor-se. Essa interrupção revela-se importante, pois é durante ela que o sujeito cria. Estando livre das amarras das obrigações e das pressões o potencial criativo pode ser libertado (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011, p. 15)

Com o intuito de auxiliar os docentes na aplicação dos planos de aula, propomos alguns jogos já existentes que foram experimentados em alguns cursos e momentos ao longo da trajetória da pesquisadora com a pedagogia da atividade circense. Outros foram idealizados pela pesquisadora. Algo importante a pontuar é que vemos, pela prática pessoal, que as atividades circenses não são criadas e renovadas por uma pessoa só, por isso acreditamos que a idealização destes jogos propostos por nós tem um pouco da prática de cada educador e instrutor de atividade circense com quem houve trocas muito enriquecedoras. Lembrando que a organização dos jogos pode ser adaptada à idade e aos diferentes níveis de prática, assim se adequando a todas as realidades escolares, “tornando-se um instrumento inspirador para os professores e uma possibilidade para os alunos, que podem ser indagados a criarem novos e diferentes jogos, ampliando o entendimento destas manifestações. (DUPRAT, 2007, p. 62)”.

O que eu sinto

Este jogo tem um nível de dificuldade baixo, com duração e número de participantes indefinidos, podendo ser realizado em espaço externo ou interno, de preferência em algum lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, é recomendado que esse jogo seja feito a partir dos 7 anos. O material utilizado são diversos objetos de manipulação. As regras e procedimentos para este jogo são: um aluno ou um grupo de alunos deverá, por meio da expressão corporal e com o uso de alguns malabares, expressar um sentimento (escolhido por ele mesmo) para que o restante dos colegas adivinhe qual sentimento está sendo expresso naquela cena.

Malabares na mesa em conjunto

Este jogo tem um nível de dificuldade baixo/médio, com duração indefinida, o número de participantes deve ser par para que possam formar duplas, podendo ser realizado em espaço externo ou interno, de preferência em algum lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, é recomendado que esse jogo seja feito a partir dos 7 anos. O material utilizado são bolas de malabares ou de tênis, uma mesa ou chão liso. As regras e procedimentos para este jogo são: Depois de explorar individualmente os malabares em uma superfície, começar em duplas a explorar os padrões de deslizamento, velocidade e quantidade de bolinhas. Por exemplo deslizar a bola e colocar a mão na cabeça, dar um giro, mudar a direção do olhar (para a mesa, para o outro jogador), cruzar os braços no momento de fazer o deslize da bola, etc. Experimentar diferentes inclinações se possível e cada vez mais incluir outros participantes. Aqui é interessante observar o padrão de cima, se puder ser realizado algum vídeo para que os alunos observem seria enriquecedor. Para incrementar o jogo é possível variar a superfície, por exemplo a forma da mesa (mesa redonda, retangular, etc), assim como colocar um desnível na superfície.

Ritmo e nível

Este jogo tem um nível de dificuldade baixo, com duração e número de participantes indefinido, podendo ser realizado em espaço externo ou interno, de preferência em algum lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, é recomendado que esse jogo seja feito a partir dos 7 anos. O material utilizado são objetos de manipulação diversos e caixa de som. As regras e procedimentos para este jogo são: colocar músicas que apresentem diferentes sensações de velocidade, deixar alguns malabares pelo espaço. Pedir aos alunos que se movimentem utilizando os malabares, ao longo do jogo o docente pode lembrá-los de utilizar os diferentes níveis (baixo, médio, alto) e as diferentes velocidades e suas variações (lenta, pouco lenta, pouco rápida, rápida), assim como as direções do caminhar. Lembrando que aqui os alunos podem se utilizar das acrobacias também, se o espaço

for apropriado. O professor pode parar a música e pedir que criem uma figura em conjunto com os malabares (ex. dois bambolês podem ser uma bicicleta).

O equilibrista

Este jogo tem um nível de dificuldade baixo, com duração e número de participantes indefinido, podendo ser realizado em espaço externo ou interno, de preferência em algum lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, é recomendado que esse jogo seja feito a partir dos 7 anos. O material utilizado são objetos de manipulação diversos. As regras e procedimentos para este jogo são: um aluno será o equilibrista. O professor deve delimitar a distância com uma linha no chão (pelo menos 4 metros), separando o equilibrista do resto do grupo. O objetivo do grupo é levar o maior número de objetos para o equilibrista, se utilizando de equilíbrios no trajeto. Enquanto o aluno equilibrista deve equilibrar o maior número de objetos. Cada grupo terá 3 minutos. Vence o grupo em que o participante conseguir equilibrar o maior número de malabares.

Palavra provocadora

Este jogo tem um nível de dificuldade baixo, com duração e número de participantes indefinido, podendo ser realizado em espaço externo ou interno amplo com EVA, de preferência em algum lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, é recomendado que esse jogo seja feito a partir dos 7 anos. As regras e procedimentos para este jogo são: este jogo consiste em uma prática de autoconhecimento, na qual o professor pedirá aos alunos que pensem em uma palavra e a partir dela e da música se movimentem e sintam essa palavra fluindo pelo corpo. Se os alunos se sentirem à vontade eles podem revelar aos colegas e ao professor a palavra provocadora. Uma outra forma de iniciar o jogo seria a de o docente dizer a palavra provocadora (ex: vento, semente que germina) e os alunos se movimentarem. Podendo expandir da palavra provocadora para frase, texto, música, situação, entre outras formas de linguagem mais complexas. O professor pode deixar a prática mais livre ou propor aos alunos que usem modalidades da prática circense em sua movimentação, como os malabares, equilibrismo, acrobacia, etc.

Considerações finais

Como debatemos neste texto, o ensino tradicional presente na maioria das escolas brasileiras, apela para a rigidez dos corpos e das normas. Um ensino voltado para o conteúdo, para uma educação bancária e que não tem como objetivo atender às necessidades reais do aluno. Em contraposição, abordamos as ideias da pedagogia de Freinet e Freire, dentro do campo progressista da educação.

Discorreremos acerca das atividades circenses em âmbito escolar, seus benefícios e as limitações, explicando o porquê dessa prática não estar presente, em grande escala, nas escolas. Pudemos perceber que ainda que as atividades circenses não estejam presentes em todas as escolas, alguns pesquisadores, grupos e artistas se propõem a levá-la para esse ambiente. O levantamento bibliográfico feito, evidencia os benefícios da prática circense em âmbito escolar, além dos benefícios que a atividade circense pode proporcionar ao praticante, como uma vivência lúdica, que foge das regras do dia a dia, um momento de escape e diversão, de autoconhecimento, de desenvolvimento motor e psíquico, questões estas renegadas ou pouco trabalhadas em escolas de ensino tradicional.

Ao discutir o processo de escrita da Base Nacional Comum Curricular e sua homologação vimos que o documento surge em meio de disputas políticas e sociais, e que apesar de propor novas possibilidades de ensino, acaba tropeçando no ensino tradicional e na realidade limitante das escolas brasileiras. É perceptível também na análise feita do tratamento a atividade circense na BNCC, que o documento ainda trata -quando trata- de forma muito generalizante as atividades circenses, sem dar alguma instrumentalização para o docente que a lê.

A proposta deste artigo é, para nós, um ideal do potencial que o ambiente escolar apresenta, para além dos conteúdos. Sabemos que a docência é um trabalho árduo e que a presença do aluno na escola é de grande importância, desta forma, esperamos que este artigo contribua para que o ambiente escolar seja, de fato, o próprio exercício da cidadania.

Referências

- ANJOS, R. E. **O desenvolvimento psíquico na idade de transição e a formação da individualidade para si**: aportes teóricos para a educação escolar de adolescentes. 2013. 168 f. Tese (Mestrado em Educação Escolar) - UNESP, Araraquara, São Paulo, 2013.
- BORTOLETO; PINHEIRO, P. H. G. G.; PRODÓCIMO, E. **Jogando com o circo**. Várzea Paulista: Fontoura, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017.
- _____. **Guia de Implementação da Base Nacional Comum Curricular**: Orientações para o processo de implementação da BNCC. MEC, Brasília, DF, 2018.
- CÁSSIO, F; JUNIOR, R.C. (Org.) **Educação é a Base?** 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019.
- DUARTE JR, J. F. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 2012.
- DUPRAT, R. M. **Atividades circenses**: possibilidades e perspectivas para a Educação Física escolar. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- _____, R; BORTOLETO, M. A. **Educação física escolar**: pedagogia e didática das atividades circenses. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.
- HUGUES, H. **Le cirque, impératifs de sécurité et imaginaire du risque**. In: Quaderni, nº44, Printemps 2001. Les industries de l'évasion. pp. 101-117.
- INVERNÓ, J. **Circo y Educación Física**: otra forma de aprender. Barcelona: INDE, 2003.
- KIEZ, T. K. M. **The impact of circus arts instruction on the physical literacy of children in grades 4 and 5**. 2015. 85 f. (Master on Science) – Faculty of Health Sciences, Universidade de Manitoba, Winnipeg, 2015.
- MACEDO, C. A. **Educação no circo**: crianças e adolescentes no contexto itinerante. Salvador: Quarteto Editora, 2008.
- MELO, C. C. **Atividades circenses**: compartilhando práticas pedagógicas no ensino extracurricular da escola básica. 2020. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020
- ONTAÑÓN, T. B. **Atividades circenses na Educação Física escolar**: equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012
- PACHECO, J. Escola dos sonhos existe há 25 anos em Portugal. In: ALVES, R. (Org.) **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2004. p. 65- 76.
- _____. **Reconfigurar a escola, transformar a educação**. São Paulo: Cortez, 2018.

SANCHEZ, A. P.; COLLAO, D. D.; PEÑA, N. J.; DOÑAS, A. C.; NAVARRO, V. S. **Pedagogía del malabarismo**: herramienta educativa que potencia el desarrollo integral. Chile: Donnebaum, 2018.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores associados, 2000.

SILVA, E. **O circo, sua arte e seus saberes**: o circo no Brasil no final do século XIX a meados do XX. 1996. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ⁱ Possui Licenciatura e Bacharelado em Letras- Português/Inglês pela UNESP- Araraquara. Mestre em Educação Escolar pela mesma instituição, bolsista CAPES/CNPq com a pesquisa intitulada A transdisciplinaridade dos saberes circenses no Ensino Médio: um diálogo com a BNCC. É artista, professora e pesquisadora da pedagogia de aéreos e acrobacia. Contato: isabelmacari@yahoo.com.br